



Gerson de Oliveira Nunes

 **Data Nascimento :** 11/01/1941

 **Local de Nascimento :** Niterói - Rio de Janeiro



Clubes

Flamengo, Botafogo, São Paulo e Fluminense.

Principais Títulos

Campeão Carioca: 1963 (Flamengo), 1967 e 1968 (Botafogo) e 1973 (Fluminense); Torneio Rio-São Paulo: 1961 (Flamengo), 1964 e 1966 (Botafogo); Campeão Brasileiro (Taça Brasil): 1968 (Botafogo); Campeão Paulista: 1970 e 1971 (São Paulo); Campeão do Torneio Independência do Brasil: 1972; Campeão do Mundo: 1970 (Seleção Brasileira).

Posição

Meia



Era chamado de o Canhotinha de Ouro pelo futebol inteligente e habilidoso que praticava. Tinha grande sentido de organização e estratégia, era um técnico dentro de campo; lançamentos perfeitos de perto ou de longe, capaz de colocar a bola no peito do atacante a 40 metros de distância; chutes fortes e precisos; ótimo cobrador de faltas; liderança, não tinha papas na língua quando fosse preciso orientar o time ou até mesmo xingar um companheiro, daí o apelido de "Papagaio".



De personalidade forte Gerson era amado por uns e odiado por outros. Em 1962



Gerson quebrou a perna do juvenil Mauro durante um treino, tendo adquirido assim a fama de jogador violento. “No começo, ele era afoito, corria muito. Depois, chegou à perfeição como jogador de meio-de-campo”, elogiou-o ninguém menos do que Didi, cuja posição herdou no time do Botafogo. Praticamente expulso do Flamengo, em 63, Gérson de Oliveira Nunes encontrou-se no Botafogo. Foi o grande comandante do time até 69. Sua perna esquerda fazia maravilhas.



Em 1969 deixou o Botafogo e foi para o São Paulo. Gerson foi um dos maiores estilistas do futebol brasileiro. A técnica e a liderança eram completadas com uma inteligência rara para enxergar o futebol. Sua consciência tática era impressionante. Todo esse talento compensava o fato de fumar como poucos, até mesmo no intervalo das partidas. Foi um dos grandes líderes da seleção de 1970 ao lado de Carlos Alberto Santos e Pelé. Encerrou a carreira no Fluminense em 1975.



Alguns comentários sobre o Gerson



Pela Seleção Brasileira jogou 98 vezes (83 oficiais) e marcou 28 gols. Participou das Copas do Mundo de 1966 e 1970.



Foi com sua melhor característica, o lançamento, que fez de Roberto e Jair artilheiros no Botafogo, e mais tarde Toninho e Terto, no São Paulo. Mas, além disso, sua grande inteligência lhe deu a posição de comandante não só do meio-campo, mas do time inteiro. Um líder autêntico, que obteve como principal jogador do São Paulo em 70 a 71, dois títulos paulistas que tiraram o São Paulo de uma longa fila. Tanto sabia dar esses lançamentos citados, como um chutão para o lado, quando a coisa estava feia, ou até mesmo atrasar uma bola para seu goleiro após várias fintas na área.



Gérson foi um pequeno gênio do futebol. E lembrem-se que pouco antes da Copa de 70, na faixa em que se discutia essa posição, ainda havia determinados bairristas que pretendiam ver ora Rivelino ora Ademir da Guia na posição que foi sua de fato e de direito na



jornada inesquecível em terras mexicanas.



Por quase todos os clubes que passou, Gérson fez o nome dos atacantes. Foi com sua melhor característica, o lançamento, que fez de Roberto e Jair artilheiros no Botafogo, e mais tarde os limitados Toninho e Terto, no São Paulo, que o meia tornou-se peça principal na engrenagem de todos os times em que atuou.



Gérson estreou com a camisa da seleção brasileira em 1959, com apenas 18 anos, na partida Brasil 4 x 2 Costa Rica, numa seleção juvenil, que disputou os Jogos Pan-americanos daquele ano em Chicago, nos Estados Unidos. Em 1960, disputou as Olimpíadas, enfrentando alguns italianos que iria rever em 1970. Sua primeira participação importante defendendo o Brasil foi na Copa de 1966, na Inglaterra. O jogador foi muito discutido pela crônica esportiva na época, sendo taxado de covarde. Paraná, ex-ponta-esquerda do São Paulo, afirmou que ele foi um dos jogadores da seleção brasileira a comer pasta de dente para sentir indisposição e não enfrentar Portugal, partida decisiva para que o Brasil passasse às quartas-de-final. Realmente, ele não estava em campo naquele jogo em que não só Pelé foi uma vítima da força de Eusébio e companhia. Ele estava doente, com um mal posteriormente diagnosticado como pedra nos rins.



A campanha brasileira na Copa de 70, no México, com uma magnífica atuação, não somente de Gérson, mas também de todo o time, deu ao canhotinha um espaço imortal na galeria dos maiores craques que já vestiram a camisa verde e amarela. Em 70, depois da Copa, Pelé, maior ídolo do futebol em todos os tempos, afirmou que Gérson foi um dos jogadores da seleção brasileira com grande parcela de responsabilidade na conquista do tricampeonato. Realmente, ele não só estava em campo naqueles oito jogos sem nenhuma derrota ou empate, como transformou-se, através do noticiário da imprensa mundial, num dos maiores ídolos já aparecidos num campo de futebol. Na Copa do México realizou 3 lançamentos geniais, dos quais um deles contra a Tchecoslováquia foi o mais sensacional, proporcionando a Pelé apenas e tão somente matar a bola no peito e encobrir o goleiro Ivo Viktor.



Meu maior título, como não poderia deixar de ser, foi a Copa de 70, no México. Aquela conquista foi sensacional, pois nunca foi tão fácil ser campeão num campeonato tão difícil. Se me perguntarem se tive alguma tristeza e decepção como jogador, respondo que não. Em minha casa tenho uma vasta coleção de troféus e faixas que serão guardadas para o resto da vida", disse. O último jogo de Gérson pela seleção foi Brasil 1 x 0 Portugal, no dia 9/7/72, no Maracanã, pela Taça Independência. Ele disputou 83 jogos pelo Brasil, marcando 28 gols.



Em sua carreira, Gérson quebrou a perna de três jogadores. Um deles num lance



acidental (Vaguinho, do Corinthians, em 1971). Os outros dois, não. Um deles foi Mauro, num treino dos juvenis do Flamengo. "Ele vinha para quebrar; eu apenas escorei", disse Gérson. A outra foi num amistoso no Maracanã entre Brasil e Peru. "O De La Torre já havia batido numa porrada de gente. Pedi para o Pelé passar uma bola dividida e entrei com a sola".

🇺🇸 Em 1976, o jogador protagonizou o que seria um inocente comercial de cigarros. Acontece que o slogan "você também gosta de levar vantagem em tudo, certo?" acabou se tornando o símbolo do Brasil dos aproveitadores. A frase ganhou o nome de Lei de Gérson.

🇺🇸 Gérson tinha duas características constantes: no campo era um jogador corajoso, valente, e um líder acima de tudo. Numa bola dividida jamais levou desvantagem. Fora de campo, tinha muito medo de viajar de avião e sempre que podia, evita isso, ele preferia viajar em seu carro, desde que pudesse se integrar à delegação de outro estado.

🇺🇸 Gérson abandonou o futebol em 1974, de maneira até certo ponto precoce, pois tinha 33 anos, quando defendia o Fluminense, seu time de coração. Eu poderia ter continuado no futebol por mais um ano, e o próprio presidente do Fluminense, Francisco Horta, queria isso, me colocando no time para jogar ao lado de Rivelino, revivendo a dupla de 70, no México. Ele me convidou para participar do Campeonato Carioca, Campeonato Nacional, e de uma excursão à Europa. O Dr. Horta queria que eu fizesse um contrato de um ano e fiquei de lhe dar uma resposta. Após consultar minha esposa preferi seguir os conselhos dela para encerrar a carreira.



Torcida organizada AMAPAFOGO

A melhor do Estado. E ninguém cala esse nosso amor!

